

AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO

COLLABORADORES

Accacio Borges—Albano Coelho—A. V. Cid—Dr. Alves Mendes—Dr. Alves da Veiga — Antonio Fogça — Antonio Pleias—Augusto de Castro—Augusto de Mesquita—B. Caldas—Bernardino de Senna Freitas—Dr. Delfim de Carvalho—Candido da Cruz—José Alves de Faria—F. C. Vasques—Ernesto Leitão—Francisco Bastos—Ignacio Carneiro—Joaquim José Martins J. C. V.—Armelim Junior—Dr. Pereira Caldas—Pinto da Rocha—Sebastião Pereira da Cunha—Silvestre Falcão, etc, etc.

SUMMARIO

Chronica, por Pirolito. *A Renascença*, por Antonio Pleias. *Madrigal* por Antonio Fogça. *Laconte* por J. J. Martins. *Amicus certus...* por Albano Coelho. *Asheverus* por Alberto Corrêa. *Os Achantis* por F. C. Vasques. *Confissões* por Augusto de Castro. (Sciencias) *Preponderancia do ouro como moeda* por Joaquim J. Martins. *No homem tudo é materia?* por Armelim Junior. *Origem dos fermentos* por A. V. Cid. *Em familia* (Passatempos). *Expediente*.

CHRONICA

A chuva e o frio! Os precursores, as guardas avançadas, as vedetas do grande cortejo que acompanha S. M. o Inverno, o velho despota de longas barbas brancas com o manto todo enlameado, todo roto e esfarrapado que nos tem molhado estes ultimos dias até á medulla dos ossos com esta chuva impertinente, miudinha que constantemente nos persegue e nos encharca. Elle, o emporcalhado velho, bem sabe que o odeiam mas que tambem o temem! E se alguem o quer affrontar, ai d'elle! o misero tyranno n'um franzir arrogante de sobranceiras desencadeia sobre esse mortal toda a sua colera, toda a sua baba sordida, porca, immunda dos lamaças que a incuria camararia vae deixando augmentar durante o anno. E, depois da chuva o frio tornando-nos a côr dos tegumentos d'um vermelho violaceo, os dedos tropegos d'uma grossura desconforme não podendo ja mover a penna, a face roxeada, os maxillares entrechocando-se deixando ouvir o bater dos dentes, seguido de um ai! muito arrepia-do, muito prolongado, todo o corpo tremulo e horripillado. Ah! que se tivesse o engenho e o poder de imaginação de *Jean Richepin* certamente era esta uma

das occasiões em que me guindaria ao limbo para expulsar de lá de cima este asqueroso velho.

Comtudo, Casimiro Dantas, o chronista da *Illustração Portugueza*, este anno, pela occasião do carnaval pedia ao Pae do Ceu chuva, muita chuva *sentindo um pruridos de a cantar*, dizia, *em alexandrinos sonoros*

Talvez que n'essa occasião eu fizesse o mesmo talvez, e demais... não faria. Ainda mesmo que a de-sejasse não a cantaria em versos alexandrinos nem tão pouco a saudaria, como elle, em nome da civilisação, do bom gosto, etc., etc.

Será bom gosto será ver chover dias e dias consecutivos; mas eu francamente prefiro que tal não aconteça porque quando me faz ficar em casa um dia e depois d'este outro ou me molha quando me apanha fora, sinto, por minha vez, uns pruridos de a maldize em nome da civilisação, do bom gosto e principalmente... dos meus pés molhados.

Se ao menos pertencesse a esse formigueiro de jejuadores que pullulam actualmente por toda a parte se fosse um Succu ou um Merlatti talvez levasse com mais paciencia a minha cruz ao calvario! E, a proposito, parece que os taes senhores provocam muita gente ao jejum, senão é notar o que succedeu a Merlatti; depois do Succu jejuar é que tambem lhe deu para fazer o mesmo. O que é certo é que já algumas nações teem os seus representantes. A Italia tem o Succu, a França o Merlatti, Portugal, não podendo nem devendo ficar atraz, apresenta ás barbas das outras nações, um jejuador que promete desbancar todos os *sucios* do mundo, comendo bem e bebendo melhor, com a vigilancia de não sei quantos medicos, promettendo de mais a mais prolongar o jejum até ao fim dos seus di.....

Tlim... Tlim... Tlim... Quem é?—Um tele-gramma.—A chronica para a typographia.

Esta ultima phrase tinha sido pronunciada por um typographo embryonario, um garotito de seus dez annos, de olhar muito vivo e irrequieto.

—Espera um pouco, deixa dar noticia aos leitores do telegramma que acabo de receber.

Portugal—Pirolito (chronista de Barcellos)—Rectifique.—Belgica apresentou primeiro *jejuador comilão*.

Um cidadão dos Paizes Baixos.

Prompto rapaz, a chronica está feita, leva.

Barcellos 48—12—86.

Pirolito.

A RENASCENÇA

Ainda essa noite de dez seculos, chamada a Edade Media, não tinha dado o ultimo arranque, já fermentava com uma força suprema a ideia que estivera immersa em tão extensa lethargia, aliás formidavel. Estava-lhe reservada uma grande missão—a de lançar as bases para a embriogenese d'um novo organismo social. Essa ideia foi nada mais que uma resultante d'um conjuncto de forças por vezes antagonicas, mas cujos effeitos, longe de se annullarem, imprimiram ao mundo uma face inteiramente nova. A' sua chegada fogem os dogmas, fogem os privilegios, fogem os fetiches amontoados pelos sonhos, deixando livre o campo á fria analyse material.

Kant o precursor da philosophia moderna, essa individualidade que ha-de lucilar como astro de eterna paz na memoria dos homens, foi o primeiro que estabeleceu as bases da funcção mais imponente, mais sagrada—a funcção educativa.

Não tardou muito que a grande concepção kantista fosse secundada por philosophos de grande nome e d'entre elles Leibnitz que legou o grande pensamento: *dai-me a educação e em menos d'um seculo mudarei a face da Europa*. Galileu abre a porta dos mundos e a philosophia préga a solidariedade das almas. Aparece a historia com Vico e a imprensa com Guttemberg. Aparece então o diluvio que irradiou por sobre o genero humano essa auréola luminosa que atravessou incolume o intrincado labyrintho, onde estavam amontoados os teimosos espectros da ignorancia e da crendeira superstição. E a ideia não parou ainda; continúa com os seus vivificantes raios a produzir as grandes inflorescencias de que o seculo XIX é testemunha.

E em plena renascença caminhamos nós ainda hoje com effeito. Pois quem é que não vê a subjugadora indagação philosophica do nosso tempo filiar-se

directamente no espirito idealmente ambici. antigas escolas platonicas? Quem é que não considera que o trabalho estupendo que se vae realisando para a remodelação das sociedades modernas tem as suas origens nas antigas meditações dos sociologistas gregos: de Platão, de Aristoteles, de Phocion, de tantos illustres cidadãos athenienses commovidos pela ideia sagrada da egualdade social? Quem é que não nota ainda hoje, no romanticismo dominante nas letras, uma nova phase da orientação litteraria que a Grecia dos tempos aureos arrojou ao mundo por todas as amplidões dos espaços, por todas as successões dos tempos? Quem ha ahí que não descubra na suprema agitação politica dos nossos dias o fegoso trabalho dos patricios da velha Roma, desencadeiando-se, ora em torrentes de eloquencia, desprendidas dos labios de ouro do immortal Cicero do alto da tribuna do *Forum*, ora desentranhando-se em entusiasmos ardentes das populações romanas exalladas pelas glorias da patria?

Mas se fosse necessario ainda provar a plenitude da Renascença em que vivemos bastaria apenas lançar os olhos para os estudos da gymnastica que hoje se generalisam extraordinariamente por toda a Europa culta e que não representam mais do que a regressão ás epocas civilisadoras em que os mancebos da antiga Grecia tinham como principal meio educativo os jogos floraes nos circos de Athenas e de Sparta; os combates corpo a corpo, as luctas incruentas das carreiras a pé, dos discos, emfim da gymnastica em todas as suas mais bellas manifestações! Era esse soberbo e poderosissimo meio que fazia os heroes gregos das victorias gloriosas; que fazia os Xenophontes, os Themistocles, os Alcebiades e que dava á sublime arte da estatuaria a belleza inalteravel, profunda, extraordinariamente correcta do Apollo de Belvadére.

Porto, dezembro de 1886.

Antonio Pleias.

MADRIGAL

Não me seduzem perolas e oiro,
prendas, diamantes, tudo quanto vejo;
eu vou dizer-te, emfim, o que desejo
no meu thesoiro.

Muitos dirão: pobreza singular!
Mas olha: o meu thesoiro, com franqueza,
tudo despreza,
tendo a firme vontade de te amar.

Coimbra.

Antonio Fogaça.

LACOONTE

POR WINCKELMANN

(TRADUZIDO DO ALLEMÃO)

A estatua de Laconte offerece-nos a imagem de um homem que em preza da maior dôr, procura concentrar contra ella todas as forças da sua alma. Emquanto o soffrimento faz contrahir os musculos pondo-os em relêvo, o espirito, armado de energia revela-se sobre a fronte intumescida e arquejante; suffocando a expressão dos sentimentos experimentados, o peito levanta-se para conter e concentrar em si a dôr. Os suspiros que não ouza exhalar e a respiração que retém, comprimem o abdomen e cavam-lhe as ilhargas de modo a fazer julgar o movimento das suas entranhas. Comtudo os seus proprios soffrimentos parecem occupar-o menos que os de seus filhos, cujos olhos dirigidos para o pae, imploram o seu soccorro.

A ternura paternal de Laconte manifesta-se nos seus olhares languidos e a compaixão parece nadar-lhe nos olhos como uma nuvem sombria. O rosto exprime queixas e não gritos; os olhos dirigidos para o ceu imploram a assistencia divina. A melancolia que transparece na bocca, abaixa o labio inferior. No labio superior, puxado para cima, vem-se juntar a este sentimento a dôr e a indignação causada por um soffrimento que elle sabe não ter merecido. Este labio sobe até ao nariz, intumescce-o e faz vêr as narinas abertas e levantadas.

Uma arte admiravel reuniu por baixo da fronte como n'um só ponto, a luta entre o soffrimento e o espirito que se insurge contra elle. Porque, emquanto que a violencia dos tormentos realça as sobranceiras, a resistencia comprime as carnes por cima dos olhos e fal-as descer para a palpebra superior que está quasi toda coberta.

O artista que não pôde embellezar a natureza esmerou-se em dar-lhe mais desenvolvimento, mais contenção e mais vigor.

Alli onde está collocada a maior dôr mostra-se tambem a maior belleza. O lado esquerdo, onde a serpente inocula o veneno pela sua mordedura furiosa é a parte que deve soffrer mais pela proximidade do coração; e esta parte do corpo pôde ser considerada como um prodigio da arte. As suas pernas parecem fazer um movimento como para subtrahir-se a seus males. Nenhuma parte do corpo está em repouso; e até o cinzel soube dar á pelle a apparencia da horripilação.

J. Martins.

AMICUS CERTUS...

(EXCERPTO)

O poeta ia fallar; o pedinte continuou:

— Umás barbas brancas não se mancham com lama d'uma acção vil, ainda mesmo quando ellas te nham sido já destruidas pela terra. E tu manchaste as barbas brancas d'um velho que era teu amigo, e que te confiou sua filha!

— Protesto, Paulo: eu não manchei...

— Manchaste, porque prendeste o coração d'um creança como tu, arremessaste-a para uma enxovia apoderaste-te depois d'ella, viveste na sua companhia prometteste-lhe casamento, e depois repelliste-a!

— Perdão, eu não a repelli.

— Se ainda o não fizeste de facto, tiveste essa intenção, e já isso é um crime. Que dirá o mundo d'uma mulher que se sacrificou assim por um homem que viveu com elle, e depois foi repellida? Dirá...

— Dirá?...

— Que se prostituiu, que se rendeu á fascinação d'um amor illicito. Gastão! a honra d'uma mulher é uma cousa sagrada!

O mancebo estava vexado.

— Fui um biltre, confesso-o — disse elle n'uma desolação extrema. — Mas quem manda absolutamente no coração?

— Ninguem — respondeu Paulo mais brandamente. — Mas todos pôdem refreial-o, desde que se tenha o orgulho da honra propria, e o respeito pela honra alheia.

— Pois sim: fiz mal. Vou emendar-me.

— E será ainda a tempo?

Gastão recordou-se do projecto sinistro de Rosa

— Não muito — respondeu elle. — Rosa alimentava a tristissima ideia do suicidio.

— Ah! tens. Vê o resultado desgraçado da tua veieidade. A pobresinha julga-se um estorvo e uma cousa inutil. Tu despresaste-a, e ella pensa que o tropeço deve ser arredado do caminho, para deiza passar os felizes. Coitadinha! quanto terá soffrido aquella pobre orphã!

Gastão fitou o velho, em cujas barbas brancas escorregava uma lagrima, e sentiu-se commovido com aquella fiel manifestação de amor.

— Olha, Gastão: — tornou o pedinte com bondade — tu deves compensar agora os sacrificios de Rosa. Desposa-a e fal-a feliz com o teu amor.

— Mas Emma? Oh meu Deus!...

— Emma! Louco! Pois tu não calculas a distancia que há entre ti e ella? O morgado de Valle Tu é um homem honrado e bondoso; mas em questão de pergaminhos, não faz excepção aos outros fidalgos. E onde tens tu pergaminhos para te egualar com Emma?

— Tenho o meu talento, a minha aptidão a minha coragem...

— Misture e mande... — disse o velho n'um bem humorado arremedo medico.

— Mas... francamente que não me tinha lembrado essa circumstancia. — pensou o poeta.

E depois, accrescentou n'um assomo de despeito:

— Oh! mas isso não vale nada. Nós estamos eguaados perante os sentimentos, perante o coração.

— O coração! O mundo vê a posição do individuo, não lê corações.

— Mas os poucos que os leem, comprehendem-se, mam-se!

— Amam-se, enquanto o mundo lhes não ensina a rirem-se d'essas cousas.

— E's um sceptico, Paulo!

— E's uma creança, Gastão!

— Antes a infelicidade do crente do que o bemstar do sceptico.

— Concordo — assentou o pedinte. — Mas é preciso não ser crentê em tudo, por que a humanidade erra e engana. Suppõe Emma. Agora é innocente, tem um bom coração, porque ainda não bebeu o ambiente do mundo. Deixa-a instruir-se nas realidades, e verás como ella pensa d'um modo differente. Então, não te amará mais, cré.

— Paulo! peço-te que não insultes aquelle anjo!

— Eu não a insulto: fiz uma hypothese, segundo a ordem geral do mundo.

— Emma é uma mulher exepcional e ama-me sinceramente.

— Já t'ô provou?

— Não teve ainda occasião, mas ainda póde fazerel-o. Todavia, eu creio n'ella.

— Vês como tu és creança? Crês no amor que Emma te confessou hontem, e não crês no amor de Rosa, tão longamente provado.

— Eu creio, mas... Escuta meu amigo: que futuro posso eu assegurar-lhe? Bem sabes que nada possuo...

— Possues braços para trabalhar.

— Trabalhar! onde? em que?

— Se é essa a difficuldade, eu a resolverei. De hoje para o futuro, Rosa fica sendo minha filha. Minha filha, ella ahi vem.

E apontava para o lado da *Penha Calva*, de onde Rosa regressava de estudar o seu plano de morte.

Paulo chamou-a com meiguicê:

— Anda cá, Rosa; anda cá, minha filha!

E collocando-lhe uma das mãos sobre o hombro, mostrou os seus nos olhos humedecidos da joven.

— Tens soffrido muito, não tens, minha filha? Tens os olhos tão tristes! coitadinha! Gastão foi um insensato, não foi?

E Rosa chorava.

— Não chores meu amor — continuou Paulo afforando-a. — Tudo será remediado. Tu és desde hoje minha filha, e Gastão será teu marido. A minha canana da serra será ampliada, e alli viveremos felizes,

trabalhando sempre, até conseguir-mos fazer uma casa melhor. Trabalhando, tudo se obtem, meus filhos. Mas... que é isto? vós choraes? Tambem tu choras, Gastão? Valha-vos Deus! Fazeis-me tambem chorar... Vêde! Que creanças que somos todos!... Então? Contentemo-nos! Deus ha-de abençoar-vos!...

E esta scena pathetica era já abençoada pelas lagrimas de um velho cheio de amor e de duas crianças dominadas da maior gratidão.

(Continua).

Albano Coelho.

AS HEVERUS

Chegou-se a mim um caminhante obscuro:

— D'onde vens? — perguntei-lhe — Do Passado.

— E para onde vaes? — Para o futuro.

— Dás mostras d'ir bastante fatigado?...

— Ha dez mil annos já que em vão procuro!...

Envelheci a andar, estou caeçado!...

— E procuras? — O Amor. — Tens mãe? — Morreu.

— Não procures então mais um momento o que só podes encontrar no Ceo.

— E onde existe o Ceo? — No esquecimento.

Foz do Douro, 1886.

Alberto Corrêa.

OS ACHANTIS

OS SEUS HABITOS E COSTUMES

(JULES GROS)

CAPITULO I

Do governo e Justiça

(Contin. da pagina 3)

Para o ajudar tem cinco linguas ou interpretes (*quiamis*) escolhidos d'entre os principaes chefes da capital. São tambem conselheiros e formam o conselho d'Estado com todos os principês *pur-sang*.

Este conselho reune-se todos os dias na maior salla do palacio a qual dão o nome de *apromosso*; a sessão dura desde as 7 horas da manhã até ás 2 ou 3 da tarde e ás vezes até á noite. O fim da sua reunião é julgar as causas-crimes e tractar dos negocios mais importantes do Estado.

O *apromosso* é a salla mais espaçosa do palacio. Mede 35 metros de comprimento por 15 de largo e é rodeada de galerias poisadas sobre columnas quadradas que repousam em pedestaes e baixos relevos de tijolo, polido e brilhante, d'um effeito verdadeiramente soberbo.

Durante as sessões apresenta uma vista que não deixa de ter um tanto de admiravel. Sob a galeria do fundo elevada a um metro do sólo e para a qual se sobe por muitos degrãos, está assentado o rei que tem em derredor de si uns vinte officiaes e que está sob um guarda-sol immenso. Diante d'elle e formando duas fileiras vêem-se doze *affana assueso* armados de sabres.

A' direita e á esquerda estão collocados fetiches de todos os generos.

Em frente do rei, divididos em fileiras de 5 a 6 metros de comprimento, vêem-se os carrascos e os *court-cryers*, que são encarregados de fazerem impor silencio. Para isso gritam de onde em onde: *Tié, tié, tié* o que quer dizer: Escutai, escutai, escutai!

Os carrascos tem um bonnet de pelle de tigre na cabeça; do pescoço pende-lhes duas facas cujas bainhas são tambem de pelle de tigre. O bonnet dos *court-cryers* é como uma especie de chapeosinho de pelle de macaco coberto por uma placa d'ouro. O numero d'estes funcionarios ascende a algumas centenas. Formam dois grupos distinctos separados do rei por uma passagem de tres metros de largo que é por onde passam os accusadores e accusados para exporem e defenderem a causa.

Por trás dos *court-cryers* e dos carrascos, á direita do rei, estão assentados sob guarda-soes, cineo *quiamis* rodeados pelos seus subordinados. Deante d'elles alguns escravos empunham bastões d'ouro e de prata. Cada *quiami* tem dois na sua frente um grande e outro pequeno. Este ultimo representa a paz, isto é, uma curta discussão; o outro representa as prolongadas causas, as chicanas intrincadas.

Do lado opposto vêem-se os officiaes principaes do rei, abrigados como os *court-cryers* e os carrascos, por guarda-soes. Trás, á direita e á esquerda d'estes estão os principes e os chefes. Ao fundo da salla, mesmo em frente do rei, está um guarda-sol chato sob o qual estão assentados os dois principaes chefes de Coumassie. Um é o principe Boiky, chefe ou general do exercito, o outro é Amonquo, chefe de Boutama, que é encarregado das munições e armas do Estado. O resto da salla e as galerias são ordinariamente occupadas por gente baixa e bem assim pelas familias das partes interessadas.

Accusados e accusadores avançam por seu turno pelo espaço que existe deante do rei, entre as duas fileiras formadas pelos carrascos. Alli fallam á sua vontade; mas é-lhes expressamente prohibido dirigirem-se ao rei. Fallam para os *quiamis* que são quem transmittem as palavras ao rei.

Em Coumassie, o numero de causas a julgar é sempre grande.

Os accusados e muitas vezes tambem os accusadores são obrigados a esperar alguns me-zes, e isto em condicções pouco agradaveis.

(Continua)

F. C. Vasques.

CONFISSÕES

I

Um dia, quando a estrella opalescente,
Que adoramos á tarde, ia descendo,
Sentindo ancioso o coração ardente
Eu ousei pedir-te uma flor tremendo.

O teu olhar modesto, immaculado,
Fez-me córar, irmã das violetas,
Como se um sol cahindo ensanguentado
Me accelerasse as pulsações inquietas.

II

Hoje, passando ao pé de ti receio...
Lembra-me sempre aquella flor vidente,
Trago-a no seio, bem chegada ao seio
Para abrigar o coração tremente

Porque, coitado, o pobre quando sente
Que se aproxima a estrella que o orienta,
Bate, estremece e salta anciosamente,
Sabe que és tu a luz que o acalenta.

1885.

Augusto de Castro.

SCIENCIAS

PREPONDERANCIA DO OURO COMO MOEDA

A Inglaterra, cujo tino pratico e commercial não conhece rival na Europa, prevendo primeiro que todos os outros paizes as consequencias funestas que resultam da adopção do duplo padrão monetario ouro e prata, foi a primeira em 1816 a reduzir o seu typo de moeda ao ouro exclusivamente. Seguiu-se-lhe a Hollanda que verificou, por experiencia propria e bem amarga, o resultado desastroso da sua imprudente especulativa; e ha bem poucos dias ainda os Estados Unidos acabam de decretar a suspensão da cunhagem da prata. Quaes seriam as razões que se impozeram aos estadistas d'estes diversos paizes para os obrigar a tomar uma resolução tão importante? Sabe-as a economia politica, essa sciencia tão desprezada entre nós e que de tanta consideração goza lá fóra. Folheemos as suas estatisticas de produção annual d'ouro e prata que lá encontraremos grande parte d'ellas

Desde 1520 até 1878 as differenças quantitativas entre os dois metaes ouro e prata accentuam-se de uma maneira prodigiosa. O quadro seguinte dá-nos uma ideia aproximada d'estas differenças.

Anno	Ouro	Prata
1520	5:800 kilogr.	47:000 kilogr.
1600	7:380 »	41:800 »
1700	10:705 »	341:900 »
1800	17:765 »	879:060 »
1878	170:675 »	1:969:425 »

D'aqui se vê que a producção da prata foi sempre muito superior á do ouro e esta abundancia relativa traz consigo um abaixamento consideravel do seu valor, pois que a sciencia economica estabeleceu como lei: que todas as vezes que um producto augmenta em quantidade, conservando-se o consumo estacionario, o seu valor desce proporcionalmente á sua abundancia. A prata, portanto, tem descido, desce e descera de preço porque a sua producção é enorme, porque lhe faltam já tres grandes mercados como o são a Inglaterra, Estados Unidos e Hollanda, e, finalmente, porque a Asia, esse grande centro de consumo da prata Europeia, essa grande valvula de segurança se acha inundada d'este metal.

Ora uma das principaes qualidades da moeda vem a ser o seu grande valor relativo sob um pequeno volume. Estará a prata n'este caso? E' claro que não pois já vimos que o ouro valia muito mais e para o mesmo valor pezava muito menos. Assim em 1520 um kilogr. d'ouro equivalia a 10 de prata, em 1600 11, em 1700 14, e em 1878 17. E o commerciante bem sabe, que, nas questões de transporte, o peso entra em linha de conta e que 6 grammas d'ouro substituem pelo menos actualmente 100 grammas de prata. Mas não são estas as unicas vantagens d'este precioso metal. O ouro é menos soluvel, tem um ponto de fusão mais elevado, é menos volatil, é menos oxidavel e é mais bello que a prata. Apesar de todas estas qualidades, apesar da evidencia dos factos, muitas nações e entre ellas nós, sem o menor receio do futuro tenebroso que as aguarda, persistem ainda no duplo padrão: ouro e prata.

A França apesar de um inquerito recente ter mostrado que o ouro no curto espaço de dez annos diminuiu nos seus bancos de 1541 milhões a 556 augmentando a prata d'um modo extraordinario, fecha os olhos e deixa correr. A Hollanda, como já dissemos, quiz experimentar mais cedo a sorte. Doeu-lhe a lição mas foi-lhe proveitosa. Não contente com os dois padrões monetarios, flada num augmento de exportação e na subita elevação da prata que ella ia por meio pouco sensato arrecadar a mãos cheias reduziu a sua moeda á prata unicamente. O primeiro dos seus fins conseguiu-o facilmente. A exportação nesse tempo de dura prova augmentou d'uma maneira desconforme. O que, porem, não obteve foi a realisação da segunda parte do seu calculo, foi a subida de valor da prata que affluia aos seus mercados e que deu causa a numerosas e importantes fallencias. O negociante hollandez recebia a importancia dos seus productos em prata, metal depreciado, e pagava ao estrangeiro em ouro

que tinha de comprar e cujo valor se mantinha mais ou menos firme. A lição, como dissemos, foi rude, mas deu bom fructo. O padrão monetario é agora o ouro.

(Continúa.)

J. Martins.

NO HOMEM TUDO E' MATERIA?

E', incontestavelmente, complexa a natureza do homem. Corpo e alma, materia e espirito—eis a dualidade constitutiva da natureza humana. Não ha negal-o.

A volição, o sentimento, a idéa, não são secreções do cerebro, como o affirmaram Cabanis e Broussais, e o têm reproduzido tantos homens de sciencia, aliás illustres.

Para o verdadeiro experimentalista—aquelle que, com a maxima independencia, exacção e justiça, dissecar, analysa e estuda os factos, sem ideias preconcebidas nem subordinação a previos systemas—é claro e evidentissimo que os phenomenos physiologicos, embora intimamente connexos, são todavia essencialmente distinctos dos phenomenos psychologicos. O cerebro será, se quizerem, uma glandula como o figado, o pancreas, o estomago, etc.; mas o que é inadmissivel, por anti-experimental, anti-racional e portanto anti-scientifico, é que a ideia, a volição, o sentimento, sejam as secreções d'essa glandula!

O figado dá o assucar e a bilis; o pancreas excreta o succo pancreatico; o estomago elabora o chylo, etc.; mas esses productos, que caem, immediatamente, sob os nossos sentidos, sob a analyse directa, sob a observação externa, teem todas as propriedades da materia. Quaes, porém, as propriedades materiaes da volição, do sentimento, da ideia?

Nas glandulas, como nas secreções, tudo é materia. O elemento produzido é essencialmente da mesma natureza do elemento productor. E assim devia ser, em cumprimento cabal de uma lei ontologica, cuja formula é a seguinte: «os productos são sempre da mesma natureza das causas; e estas não podem produzir mais, nem de diferente natureza, do que em si contem.»

Quem ha abi que affirme, a sério, que a sensibilidade, a intelligencia, a vontade, o sentimento, a ideia, a volição, sejam potencias e phenomenos materiaes?!

E', pois, evidente que no homem,—«intelligencia servida por orgãos,» na definição de Bonald—ha duas substancias distinctas, mas intima e mysteriosamente relacionadas: —corpo e alma, materia e espirito.

Armélím Junior.

ORIGEM DOS FERMENTOS

(Contin. da pagina 7)

O celebre physiologista italiano, Spallanzini, servindo-se dos vasos hermeticamente fechados, onde Needham introduziu as substancias alteraveis, não os sujeitava a uma acção passageira do calorico, incapaz de destruir todos os germens; conservava-os durante uma hora na agua fervente, ao contrario de Needham que, por attenção *d' força vegetativa*, os submettia apenas alguns minutos, *tempo necessario para cozer um ovo de gallinha*.

Nem só a força vegetativa, no dizer de Needham, era destruida ou diminuida pelo emprego demorado do agente physico; tambem o ar, encerrado nos vasos, se alterava e, pela addicção d'estes dois inconvenientes, a geração espontanea perdia as condições necessarias da sua possibilidade.

A experiencia é, porem, multipla nas suas formas e combinações e o tacto pratico descobre maravilhosos processos conducentes ao bom exito das investigações; por isso o doutor Schwam, no interesse de remover a objecção—que o ar se alterava—procurou, depois de ter por um conveniente emprego do calorico destruido os germens da infusão, relacionar com o ar exterior o balão da experiencia, sem que a introdução de germens fôsse possivel.

O meio de communicação com o ar exterior era feito por um tubo de vidro recurvado, que, em certa extensão do seu comprimento, mergulhava n'um banho d'uma liga fusivel; d'este modo, o ar que substituia o do balão, ficava completamente isempto de germens. Estas experiencias receberam a confirmação d'outros experimentadores.

Como complemento d'estas experiencias e afim de destruir o ultimo reducto dos heterogenistas, Schultze tentou desfazer a objecção d'uma alteração possivel *d'um principio mistico, indefinido, differente dos germens*, mas cuja presença no ar seria necessaria á producção dos infusorios. Vejamos como operou Schultze.

A um vaso em parte cheio d'agua distillada com diversas substancias animaes e vegetaes, adaptou uma rolha atravessada de 2 tubos.

Sugeitou-o á acção d'uma temperatura proxima da agua fervente.

Emquanto os tubos ainda deixavam escapar vapôr d'agua, annexou o apparelho de bollas de Liebig a um dos tubos, contendo acido sulfurico, e ao outro um similhante apparelho, cheio de potassa concentrada e caustica.

A temperatura empregada destruia os germens existentes no interior do vaso, ao mesmo tempo que as relações com o exterior eram incapazes d'introduzir novos germens, porque, por qualquer das duas vias, eram destruidos. A renovação do ar, que agora é necessaria, executa-se com facilidade, aspirando

pela abertura do apparelho que contem potassa, o que obriga o ar introduzido a passar atravez do acido sulfurico, que lhe destroe os germens.

(Continúa)

A. V. Eid.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. A.—Barcellos.—Permitta que os versos não passem de nós. Mande melhor e será servido.

A. V. d'Albuquerque—Barcellos.—Explique-nos o seu enygma; a respeito de charadas temos conversado.

A. C.—Barcellos.—Não percebemos como é que arranjou aquellas charadas, principalmente a ultima está muito... enygmatica. Comtudo mande mais algumas; aperfeçoe-se!

Rei Chiquito—Porto.—A charada que mandou tem um verso errado; quer emendal-a?

Convidamos novamente os nossos estimaveis assignantes, amadores de charadas, enygmas, etc., a enviar-nos as suas producções que gostosamente publicaremos.

Toda a correspondencia que diga respeito a esta secção deve ser dirigida a J. Camaleão—Rua Direita n.º 275—Porto.

J. Camaleão.

CHARADAS

Novissimas

Esta bebida medida pelo artigo usa-se—1—1—1

Na chimica e na prisão prende—2—2

Porto.

J. C. V.

Corre e anda com teus pés—1—1

Porto.

J. E. T. Lopes.

Na musica flutua este passaro—1—2

Porto.

Rei Chiquito.

Em mappa

2	3	No Oriente
3	2	E' de metal
E' de metal	No Oriente	

Porto.

J. C. V.

Em verso

(POR SYLLABAS)

A ERNESTO LEITÃO

Em apuros te vou ver
Co'a charada que vaes ler.

A primeira é muito facil
Eu vou-t'a dizer = é cá. 1
A segunda não é boa
E se não é boa é má = 1

Junta-lhes agora un *le* = 1
Mas não t'esqueças d'um *do* = 1
Está prompta a charadinha
Decifra. anda, meu Leitão.

Porto.

*Rei Chiquito.***Elcetrica**

A's direitas verbo, ás avessas adjectivo—2

Barcellos.

*A. Coelho.***Em quadro**

. . . . Flor
. . . . Cheiro
. . . . Jogo
. . . . Circulos

*J. C. V.***LOGOGRIPO**

9, 8, 1, 5, 6, 7, 9 — Nome de mulher — 9, 2, 3, 6, 7, 8, 9
9, 7, 8, 2, 4, 6, 9 — Nome de mulher — 4, 3, 6, 5, 6, 9
9, 3, 1, 5, 6, 9 — Nome de mulher — 9, 2, 3, 4, 7, 6, 9
6, 2, 6, 9 — Nome de mulher — 1, 3, 3, 9
Nome de mulher

*J. C. V.***ENYGMATA**

VIS UMA TA

*J. C. V.***PROBLEMA**

Seis individuos resolveram comprar todas as peras que uma mulher estava a vender. Deitaram as contas ao dinheiro que tinham e viram que o primeiro podia comprar metade das peras que a mulher tinha e mais meia pera, o segundo metade das restantes e meia pera mais, e assim successivamente até ao ultimo, A mulher ficou sem peras e não dividiu nenhuma.

Sabendo-se que cada pera custava 10 reis, pergunta-se que dinheiro tinha cada individue?

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas—Catão, ratoeira, recado, falador.

Da charada telegraphica—Som.

Da charada em quadro—l e m e
e r a s
m a i s
e s s e

Do enyigma—Sobrado.

Do problema—O primeiro percorre a distancia de 57812,7 e o segundo 38541,8.

EXPEDIENTE

A redacção não devolve os originaes que lhe são enviados quer sejam ou não publicados.

Não publicamos charadas que não vem acompanhadas das suas soluções ou charadas que tragam versos errados.

No proximo numero começaremos com os problemas de xadrez e juntamente publicaremos as partidas jogadas entre Lisboa e Porto no anno passado. Encarregou-se d'este trabalho o nosso collaborador J. C. Vasques.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

EM BARCELLOS

FÓRA DE BARCELLOS

Anno..... 960 reis
Mez..... 80 "

Anno 17100 reis
Mez..... 100 "

Direcção e administração—Barcellos—Rua Direita.

ANNUNCIOS**ELEMENTOS DE CHIMIGA ORGANICA**

POR

Julio de Carvalho Vasques e Alberto V. Cid

ALUMNOS DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

1.^a edição revista e prefaciada pelo ex.^{mo} sr. dr.
A. J. Ferreira e approvada pelo Conselho de Instrução
Publica.

LIVRARIA PORTUENSE

DE

LOPES & C.^a

PORTO

PARA AS TOSSES

OS

Rebuçados Calmantes Balsamicos,
de Manoel Joaquim Leite

São uma preparação sem egual em efficacia para a cura prompta e segura das tosses antigas e recentes, rouquidões, dór de garganta, bronchites, padecimentos asthmaticos, soffocação, coqueluche, erup e ainda como grande allivio nas tosses provocadas pelos estragos causados pelas phtisicas etc. etc. Vide o prospecto que acompanha cada caixa.